



O TEATRO-FESTA-CRIANÇA vem reforçar a poética do Teatro-Baile que abre mão do Verniz para acolher o público. Aqui o mais importante é o lugar do público. A cada novo trabalho o desafio aumenta. Mas, estamos na direção que acreditamos e que cumpre a missão de formar novos públicos para o teatro, é um projeto para a cidade de São Paulo e é mesmo. Durante os meses de Maio, Junho e Julho além da MOSTRA iniciamos os trabalhos da nossa Peça para crianças ou direcionada para as crianças.

Salve as crianças!!
É o Teatro-Baile-Criança;
É a festa primeira;
Que mora dentro da gente;
É o Teatro-Baile-Criança;
É o despertar da vida;
Do brincar;
Da dança;
Salve a Criançada!!
Vem pra Festa!!!
Sou o Teatro-Baile, eu não ando Sozinho;
Aqui no número 212 da Rua Otí;
Construí o meu ninho;
Eu sou o Teatro-baile;
Que de tanto Teatro-Bailar;
Virei Teatro-Bailinho;

Ganhou o Título de CARURU que é a festa de Cosme e Damião. Como o nosso trabalho investiga a festa fomos buscar na festa popular das crianças, a festa que abriga o Teatro-Bailinho. Podemos aqui dar continuidade a pesquisa com um grande aprofundamento. A Preparação da Festa (capítulo da Tese de Doutorado- Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas, de autoria de Vânia de Fátima Noronha Alves) nos serve de base nos aprofundamentos da forma de organização da festa popular, feita por quem participa. A festa não tem dono! E o melhor da Festa é esperar a Festa!

Conseguimos com as orientações artísticas e os treinamentos de Carlos Simioni do Lume Teatro, Fernando Alabê do Bloco Afro Afirmativo Ilú Inã e do Coletivo Negro e Cida Almeida que também faz a direção da peça, avançar muito na direção de um teatro popular, carregado das matrizes simbólicas do Brasil Mais profundo.

O imaginário coletivo do Sertão-Criança. O rio, o céu, o Cajueiro, a Lavadeira, o Terreiro, os saberes da Festeira, os Calunguinha de barro, A música vinda da África, o sonho, a sina, o comer, o beber, o dançar, o brincar e a cabaça que pode virar de um tudo, em uma dramaturgia embebida da literatura de cordel se faz o nosso CARURU – Teatro-Bailinho.

Edu Brisa



CARURU - UMA VERSÃO

Cida Almeida



Conta-se de uma mulher que virou árvore ao pé de um rio que corria no terreiro de trás da sua casa... Nasceu do amor da terra e da água. Ou seria a história de uma mulher que fazia, com a argila que recolhia à beira do rio que corria no terreiro do fundo da sua casa, bonecos que coloria com a tinta da árvore que nasceu no terreiro da sua casa?

Já não se sabe mais ao certo, de tanto que já se contou essa história.

O bonito mesmo é o que se conta daquele terreiro de fundo daquela casa. Dizem que era um lugar mágico e cheio de encantamento. Chegam mesmo até a dizer que foi ali que o mundo começou, tal qual a gente conhece.

O rio que embeira o terreiro, tem o nome de Murucikanga, um ser supremo que de tanto chorar secou seus olhos e ficou assim cego. Por isso ali no fundo daquela casa o pouco de lágrimas que lhe restam é um riacho barrento. O rio Murucikanga se serpenteia pelo sertão atravessando as terras secas, sedentas e estéreis, com o que lhe restou de lágrimas.

Em sua nascente, onde a água era mais abundante, mora Luzia, menina lavadeira que aprendia o ofício ajudando sua mãe a lavar a roupa das pessoas do povoado. Luzia conta que Murucikanga foi quem levou sua amiga melhor amiga Águia, mas essa lhe prometeu que um dia voltaria e lhe faria asas para juntas partirem para Olorum, o lugar de tudo e de todos.

Foi num dia em que Luzia brincava com as águas que luziam dentro das bacias de alumínio, enquanto esperava a roupa a quilar em cima das pedras, quando apareceu Menino que vagava pelo mundo seguindo uma estrela que viu no céu. Era dia de seu aniversário e estava admirando o presente que ganhou de seu pai: uma cabaça! Olhou para o firmamento e ali viu a estrela que parecia de mover. Passou a seguir a estrela com a cabaça e quando se deu conta, não estava mais no terreiro de sua casa: já não sabia mais onde estava. Esta história Menino contou pra Luzia, que admirada quis ser igual a ele e seguir quem sabe o vento, que lhe levaria até encontrar Águia.

Foi quando Luzia falava do seu desejo a Menino que do outro lado do rio apareceu um Velho homem cego que lhes pede ajuda para atravessar para a outra margem. E a dupla imediatamente ajuda aquele senhor. Como gratidão, o Velho entrega a cada um uma cabaça dizendo que elas eram encantadas, possuindo um poder especial. Mas para que pudessem ver como funcionava teriam que ir até o povoado onde tinha o Terreiro do Cajueiro, que é ladeado pelo Murucikanga que produz o barro que serve de sustento para uma Velha Sábia, festeira e bonequeira. Dele ela tira seus personagens, pequenas vidas que se transformam em histórias contadas pras gentes pequenas sonhar, ouvir e ficar forte pra crescer e fazer um mundo melhor. Diz-se de Zabé, o nome da Velha Mulher, que não era Feiticeira, nem Bruxa e nem Alcoviteira: era mesmo uma gente encantada, que se encontra na Natureza feita em árvores centenárias.

Findando a história sobre Zabé, grandes cabaças se transformam em “bumbas-meus-barcos” e os três, juntos, desceram o rio Murucikanga que os levaria até o Terreiro do Cajueiro.

Lá chegando Zabé os esperavam para a festa daquele ano. Numa esteira estendida no chão se podia ver cinco imagens de barro. Eram cinco crianças. Pareciam estar sentadas esperando prá comer, cada uma tomava um lugar na esteira, como que aguardando as duas crianças que acabavam de chegar. Sete pratos de comida, sete copos de bebida para servir à sete crianças.

Nesse momento Menino e Luzia entenderam qual o encantamento das cabeças que eles traziam: Zabé pediu para que as crianças abrissem as cabaças e dentro estava um pó dourado que Luzia soprou em direção às cinco imagens que tomaram vida!

E assim deu-se início à festa que Zabé chama de CARURÚ, para festejar todos os anos o renascimento, a alegria e a esperança trazida pelas crianças.

Ah! E dizem que logo depois da tal festa CARURÚ, a ÁRVORE e o RIO, se encantam novamente em Zabé e Velho cego para encontrarem aquelas criaturinhas que representarão na festa todas as crianças!

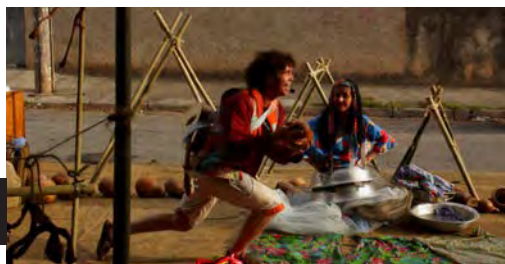
E isso acontece a muitos e muitos tempos de anos.

AXÉ !

EVOÉ !

São Paulo, 14-06-2018.

História elaborada como devolutiva às propostas dos artistas criadores do CTI: Carol, Cris, Geovane e Harry.



MEMÓRIAS DA PESQUISA DE **CARURU**

Geovane Ferman

Com Início em maio de 2018 as pesquisas para construção de um Teatro-Baile, voltado para o público infanto-juvenil, os Atuadores da CTI Carol Guimaris, Cris Camilo, Geovane Ferman e Harry de Castro mergulham nos universos de Platão com a Obra “O MITO DA CAVERNA”, Italo Calvino com os capítulos “LEVEZA” e “RAPIDEZ” da obra “Seis propostas para o próximo milênio” e Vânia de Fatima Noronha Alves com a Obra “Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte”. E músicas de festas populares e das obras de Jackson do pandeiro e Luiz Gonzaga.

Os primeiros movimentos provocados a partir das leituras e reflexões das referidas obras foram experimentos, onde cada ator a partir de sua leitura crítica propôs um personagem numa determinada situação.

Outro motor que movimentava essa imersão são os objetos da cultura nordestina que já utilizamos em outras peças, em especial a “CABAÇA” que aqui começamos a buscar por inúmeras possibilidades de utilizá-la em cena.

A Cabaça que pode ser o que a gente quiser!

A cada semana os atores propunham cenas individuais nas quais compartilhavam com os outros atores o que levava a criação de outras possibilidades.

Enquanto os atores mostravam e compartilhavam suas propostas criadas a partir de todo o material pesquisado, Edu Brisa dramaturgo observava atentamente o processo com a importante missão de transformar/organizar todo aquele material cênico em um espetáculo teatral, ou melhor em um Teatro-Bailinho. Cida Almeida foi quem acolheu a Direção desse trabalho que começara a ganhar tons e linhas. Atentamente olha para o material até então proposto e começa a dar caminhos para a realização do espetáculo.

É Festa! É Festa das crianças. É festa popular, como só poderia ser.

É festa que a CTI investiga em sua poética em construção do Teatro-Baile.

É Festa das Crianças! De Cosme e Damião e Doum. Ibejis, Erês e Curumins.

É festa e festa com música e quem delicadamente conduz a Direção Musical a partir das criações dos atores é Fernando Alabê que também cria parte da Trilha sonora em composições com ritmos brasileiros que transitam pelo samba, samba de cocô e embolada, samba de velho, ciranda.

O cenário e figurino começam a serem pensados e propostos pelos atores em conjunto com a direção e dramaturgia.

Esse é o ensaio para a receita da feitura do nosso CARURÚ – Teatro-Bailinho que em breve nascerá e correrá pelas veias da Cidade de São Paulo, pois Teatro é Sangue e Precisa Circular.

MÁSCARA

Como parte do processo de criação do espetáculo os atores, Carol Guimaris, Cris Camilo, Geovane Ferman e Harry de Castro, fizeram uma imersão sobre máscaras orientados por Cida Almeida. Os atores participaram de exercícios lúdicos e meditativos que remeteram a imagens/figuras e partir desse movimento cada um construiu sua própria máscara com papéis, colas, isopor, tintas...

As Máscaras criadas foram utilizadas durante o processo de criação do espetáculo, para a investigação do corpo de cena de cada ator e como composição alegórica de cada Personagem. O trabalho foi tão potente que as máscaras acabaram entrando como parte do espetáculo. As máscaras originais feitas de papel cartão foram replicadas perfeitamente pelas mãos da artista Karine Lopes.

CENÁRIO

A criação e construção do cenário é um trabalho feito por todos e a ideia é colocar a cabaça como elemento cênico criador de tantas outras coisas, afinal como indica a dramaturgia “a cabaça pode ser o que a gente quiser”. É a cabaça que se torna rio, um rio circular que rodeia o sertão/cena, como é a cabaça que se transforma em balão, barco e bone-

co e que nas mãos dos atores e do público ganham vida. Compõem o dispositivo cênicos uma lona de caminhão que é chão. É terra. É barro. Barro que também é boneco, que também é terra que nasce bambus e que se transformam em casa. Barro que se transforma em pedras que são as corredeiras para águas que correm rio acima.

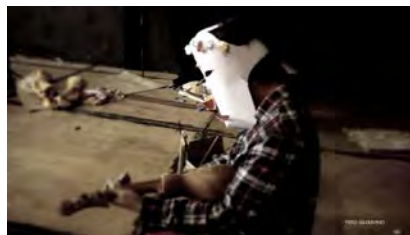
FIGURINO

O processo de criação do figurino caminhou junto com o processo de criação das personagens a partir das propostas dos atores que sempre traziam para exercício uma possibilidade de música, de ritmo, dinâmica, de objetos de cenas, instrumentos musicais e também dos figurinos. O que possibilitou o desenvolvimento do figurino a partir do entendimento dos atores evidenciando a autonomia que a CTI propõem em seus trabalhos. Cada ator propôs e ouviu os outros criadores e fizeram as mudanças que acharam necessárias e foram moldando os figurinos a modo de ser funcional para a feitura do espetáculo. Na finalização dessa etapa a CTI teve a colaboração da artista Karine Lopes.

DRAMATURGIA SONORA

A Dramaturgia Sonora do espetáculo, segue o que o grupo desenvolve já a alguns anos em relação com a música na cena, e a música executada ao vivo, pelos próprios artistas-criadores. O que requer um estudo musical e para esse processo contamos com a orientação de Fernando Alabê que também assina a Direção Musical de CARURU. Estudando com Alabê os instrumentos de percussão e suas aplicações nos mais diversos ritmos entre eles: samba, samba de cocô e embolada, samba de velho, ciranda. Que são ritmos presentes em CARURU.

O espetáculo é recheado de músicas próprias e canções da cultura popular brasileira e contou com composições dos atores/criadores Carol Guimaris, Cris Camilo, Geovane Fermac e Harry de Castro, do dramaturgo Edu Brisa e do diretor musical Fernando Alabê.



CARURU-TEATRO-BAILINHO

Beá Lima



A Praça Parelheiros fica a 37 km do marco zero da cidade de São de Paulo. O cenário em torno da praça é pouco comum para a cidade urbana. A caminho de Parelheiros a certeza é que a periferia é muito além do Grajaú, é extensa, plural e não cabe em conceitos dos anos 90.

No dia 22 de Setembro, além da Praça e da Igreja Santa Cruz, havia também uma atmosfera eleitoral que amontoava na escadaria igrejaínia do século XIX trabalhadores informais, contratados esporadicamente, balançando bandeiras sem qualquer riqueza ou segregação. Aquela imagem da escadaria talvez fosse a melhor maneira de explicar o que significa a política partidária no Brasil.

Não são nem 10 horas de um domingo, mas a movimentação já é suficiente para que se dispute eleitor e espectador. Do outro lado das bandeiras: crianças, jovens e adultos se reúnem em torno da Saravan que já ecoa baíão.

Antes de dar início a peça, a CTI saiu em cortejo pela praça, percorreu todo o entorno da Igrejaínia, furou conquista de voto e chamou atenção de quem esperava tediosamente um ônibus no domingo de manhã no extremo sul de SP.

Edson, 33 anos, confessa que aproveitou o cortejo e a partida de seu coordenador de campanha para deixar a bandeira do candidato Milton Leite de lado e ir participar do teatro que também era baile, ou melhor, bailinho.

Ao começar a peça um menino de 12 anos, que não quis mais falar comigo, comentou em voz alta para seu amigo ao lado: “Não tô entendendo nada, tá pior do que a aula de matemática”. Entre risos e deboches, os garotos olham curiosos para as máscaras rústicas que criam um ar de fantasia e põem em cheque a noção de belo.

A narrativa mistura diversas referências, do mito da caverna à mitologia africana, passando pela cultura nordestina e afro-brasileira. A estória mistura o repertório de eras, curumins e crianças para aguçar a imaginação e resgatar as culturas da terra brasilis.

Entre a inocência das crianças urbanas e a memória de quem já passou pelas zonas áridas do Brasil: recordações e criatividade. “Uma cabaça pode servir para carregar água, farinha e mel, mas pode também ser um boneco e por que não o que você quiser?”, indaga o personagem após ouvir de um compilado de respostas do público que interage sem medo.

Ao decorrer da estória elementos infantis simples são envolvidos em falas que levam a gente para um mundo de sonhos à brasileira. Um ioiô representa o sonho que vai e volta, um peão gira em referência aos ciclos da vida, um espelho reflete o olhar do público imerso em um conto que foge dos enredos tradicionais infantis e traz pra dentro repertórios populares.

